

Sistema solar

Editora em órbita

Helena Sofia Resende Bento

**Relatório de Estágio de
Mestrado em Edição de Texto**

Janeiro de 2013

Sistema solar

Editora em órbita

Helena Sofia Resende Bento

**Relatório de Estágio de
Mestrado em Edição de Texto**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do
Professor Fernando Cabral Martins

AGRADECIMENTOS

A toda a equipa da Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., em especial a Manuel Rosa, pela oportunidade e amizade, e a António Lampreia, pela atenção e paciência.

Ao professor Fernando Cabral Martins, por ter cedido os contactos e pelo incentivo.

SISTEMA SOLAR

EDITORA EM ÓRBITA

HELENA SOFIA RESENDE BENTO

RESUMO

Estágio em Edição de Texto, na Sistema Solar, Cooperativa Editora e Livreira: objectivos, actividades desenvolvidas, competências adquiridas; reflexão acerca de princípios, métodos e ferramentas de trabalho; a importância da revisão de texto e as técnicas utilizadas pelos revisores; questões gerais sobre a edição de livros, o mercado livreiro nacional e internacional, o pergaminho e o e-book, os meios digitais e os tradicionais.

São estes alguns dos tópicos abordados no presente relatório, que visa a obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, depois de concluída a componente lectiva.

PALAVRAS-CHAVE: Edição de Texto, estágio, Sistema Solar

SISTEMA SOLAR

EDITORA EM ÓRBITA

HELENA SOFIA RESENDE BENTO

ABSTRACT

Text Editing internship at *Sistema Solar*, Cooperativa Editora e Livreira: goals, activities, acquired skills, reflection on values, tools and methods; the importance of proofreading and the techniques used by proofreaders; general questions about book edition, national and international book market, the parchment and the e-book, digital and traditional means.

These and other topics are explored in the present report, which serves as the final project for the completion of the Master's Degree in Text Editing

KEYWORDS: Text Editing, internship, *Sistema Solar*

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Objectivos de estágio.....	3
2. Actividades desenvolvidas.....	4
2.1 Revisão de texto: edições e respectiva descrição.....	4
3. Da madeira e casca de árvores ao e-book.....	10
4. Sistema Solar.....	28
4.1 <i>Aguentemo-nos</i>	33
Conclusão.....	35
Bibliografia.....	37
Anexos.....	39

INTRODUÇÃO

Concluída a componente lectiva do mestrado em Edição de Texto – ano lectivo de 2011/2012 – na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, cujos objectivos visam a compreensão dos diversos saberes associadas à edição, nas suas várias vertentes (histórica, teórica, tecnológica, e ainda de concepção e execução), a aquisição de competências tanto científico como académicas para abordar os mecanismos da escrita, da recepção e de preparação de textos para a leitura, e o desenvolvimento de uma capacidade crítica e de reflexão a respeito das teorias da literatura, da cibercultura e das práticas de edição de texto, foi dado início ao estágio curricular, uma das três modalidades apresentadas (sendo uma dissertação ou um trabalho de projectos as outras duas), e que equivale a 33 unidades de créditos.

O estágio, com a duração de três meses (de 17 de Setembro a 17 de Dezembro de 2012) – 400 horas de acordo com o regulamento do curso - teve lugar na Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., responsável pela edição de livros das marcas Sistema Solar, Documenta e Assírio & Alvim. Foi meu orientador de estágio na instituição o director Manuel Guerreiro Rosa, e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, o professor Fernando Cabral Martins.

O presente relatório pretende não só descrever as actividades que foram desenvolvidas do estágio, facultando mais ou menos detalhes de acordo com as expectativas, exigências e resultados obtidos em cada uma delas, como também reflectir acerca de questões que se esperam mais abrangentes, e que atravessam toda a área da edição de livros, sem favorecer, contudo, um afastamento em relação ao tópico central, isto é, a experiência profissional na Sistema Solar/Documenta, em regime de estágio curricular, e sirva a designação que privilegia duas de três editoras, ou chancelas se preferirmos, dada a maior proximidade e acompanhamento regular, ou mais regular, que houve durante o período de estágio.

Manuel Guerreiro Rosa, director da Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., e o professor Fernando Cabral Martins (professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) são os orientadores do relatório de estágio, sendo que o primeiro partilhou com António Lampreia, revisor de texto da editora, a tarefa de orientar o estágio em Edição de Texto ao longo do período já mencionado.

1. OBJECTIVOS DE ESTÁGIO

Antes de iniciar o estágio na Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., e depois de uma conversa informal com o director da editora, e orientador de estágio Manuel Guerreiro Rosa, cerca de um mês antes de este ter início, foram definidos objectivos e estabelecido um plano, sem quaisquer rigores técnicos que, na altura, se sabiam dispensáveis, no qual se tomava por certa a realização das seguintes actividades:

- Conhecer o modo de funcionamento de uma editora, desde o momento de recepção de provas até à fase de reunião de esforços e desenvolvimento de estratégias de comunicação, publicidade e marketing em torno do livro, assegurando assim uma visão global do processo;

- Adquirir uma visão e compreensão aprofundadas da estrutura, organização e dinâmica da editora;

- Aceder às ferramentas necessárias para a concretização de tarefas de forma autónoma;

- Adquirir competências práticas na área da edição, sobretudo no que diz respeito à revisão de texto;

- Produzir textos de apresentação e divulgação das edições, de modo a partilhar conhecimentos não tanto editoriais, mas, sobretudo, literários;

- Estimular o estagiário no sentido de ser capaz de explorar um texto nas suas múltiplas vertentes, aplicando não só conhecimentos técnicos, como teóricos, isto é, pensar e reflectir o texto, questioná-lo, analisá-lo criticamente.

2. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Embora o plano referido incluísse, numa primeira fase, um número considerável de actividades, e, mais importante do que isso, actividades diversas, durante o estágio foram sobretudo desenvolvidas tarefas relacionadas com a área da revisão de texto. Assim, foi da minha responsabilidade a revisão das edições que apresentarei de seguida, em colaboração com a equipa constituída por Helena Roldão, António Lampreia e André Baptista (também estagiário), além dos revisores que trabalham em regime freelance e de que se espera colaboração em edições com características particulares, isto é, edições críticas, que exigem uma leitura e revisão por parte de profissionais especializados no tema ou autor em causa.

2.1 Revisão de texto: edições e respectiva descrição

Nas edições seguintes, por se tratar de primeiras edições, foi feita uma revisão ao nível da pontuação, ortografia e adequação dos textos aos critérios internos, excepto nos casos em que o texto exigia uma maior intervenção, e que serão devidamente discriminados:

Margarida Medeiros, *A Última Imagem, Fotografia de uma Ficção*. Lisboa: Documenta, 2012.

João de Menezes-Ferreira, *Estro in Watts - Poesia da Idade do Rock 1955-1980*. Lisboa: Documenta, 2013. Intervenção ao nível da pontuação, ortografia, adequação dos textos aos critérios internos, confronto entre traduções e texto original, neste caso letras de canções, e abordagem a outras questões relativas à estrutura geral da edição.

José Maria Silva Rosas (coordenação e organização), *Da Autonomia do Político entre a Idade Média e a Modernidade*. Lisboa: Documenta, 2013. Intervenção ao nível

da pontuação, adequação do texto aos critérios internos e uniformização de referências presentes nos ensaios dos diferentes autores, ainda de acordo com normas editoriais.

Sousa Dias, *Lógica do Acontecimento – Introdução à Filosofia de Deleuze*. Lisboa: Documenta, 2012.

Al Berto, *Diários* (organização e prefácio de Golgona Anghel). Lisboa: Assírio & Alvim: 2012. Confronto entre fac-simile e respectiva transcrição.

Luís Pinheiro de Almeida, Teresa Lage, *Beatles em Portugal*. Lisboa: Documenta, 2013 (reedição). Intervenção ao nível da pontuação, ortografia, e ainda ao nível da sintaxe. Consideração de questões de tipo expressivo e estético, em trabalho de colaboração com o autor.

Luís Pinheiro de Almeida, *Biografia do IÉ-IÉ*. Lisboa: Documenta, 2013. Intervenção ao nível da pontuação, ortografia, sintaxe. Consideração de questões de tipo expressivo e estético, em trabalho de colaboração com o autor.

Rosa Maria Martelo, *O Cinema da Poesia*. Lisboa: Documenta, 2013.

Edwin DuBose Heyward, *Porgy* (tradução de Aníbal Fernandes). Lisboa: Sistema Solar, 2013.

Rui Chafes, *Entre o Céu e a Terra*. Lisboa: Documenta, 2012

Rodrigo Amado, Gonçalo M. Tavares (texto), *Un Certain Malaise*. Lisboa: Documenta, 2012

Fernando Pessoa, *Quaresma, Decifrador*. Lisboa: Sistema Solar, 2013.

August Strindberg, *Inferno* (tradução de Aníbal Fernandes). Lisboa: Sistema Solar, 2013.

Jorge Queiroz, *Debaixo das pedras da calçada, a praia!* Lisboa: Documenta, 2012.

Tomás Maia, André Maranhã, *Éden – O Filme desta Terra*. Lisboa: Documenta, 2012.

Henry James, *O Mentiroso* (tradução e apresentação de Aníbal Fernandes). Lisboa: Sistema Solar, 2012.

Georges Bataille, *As Lágrimas de Eros* (tradução e apresentação de Aníbal Fernandes). Lisboa: Sistema Solar, 2012

Miguel Roza (organização), *Trolhamento dos 33 Graus do Rito Escocês Antigo e Aceite*. Lisboa: Documenta, 2012.

Robert Louis Stevenson, *As Novas Mil e Uma Noites - II Volume* (tradução, introdução e notas de José Domingos Morais). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Charles-Louis Philippe, *Bubu de Montparnasse* (prefácio de T.S. Elliot e tradução de Aníbal Fernandes). Lisboa: Sistema Solar, 2013.

Ramón María del Valle-Inclán, *Jardim de Sombras - histórias de santos, de almas penadas, de duendes e ladrões* (introdução e notas de José Domingos Morais). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Arthur Conan Doyle, *Histórias de Horror* (tradução, prólogo e notas de Jorge Pereirinha Pires). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Edgar Allan Poe, Stéphane Mallarmé, Fernando Pessoa, *Annabel Lee, Ulalume & O Corvo* (organização e tradução das prosas de Carlos Valente). Lisboa: Sistema Solar, 2013.

Mário Cesariny, *Cartas para a Casa de Pascoaes* (prefácio e notas de António Cândido Franco). Lisboa: Documenta, 2012.

Enrique Vila-Matas, *História Abreviada da Literatura Portátil* (tradução de José Agostinho Baptista). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Pedro Strecht, *Crianças sem sombra – arte, vida e conflito emocional* (prefácio de José Gil). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Nas edições seguintes, por se tratar sobretudo de reedições, foi feita uma revisão ao nível da fixação de texto a partir da combinação e escolha de variantes de textos diferentes de acordo com edições existentes:

Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*. Lisboa: Sistema Solar, 2012.

A respeito desta edição, julgo de alguma importância deixar o seguinte apontamento: numa primeira fase, foram confrontadas duas edições do mesmo texto - a da 1981 (Círculo de Leitores) e a de 2010 (Porto Editora). À semelhança desta, foram eliminadas as características ortográficas e evolutivas, normalizando-se as grafias segundo a norma em vigor (assim com os topónimos e antropónimos, por exemplo, que foram actualizados), e a acentuação foi usada conforme as regras actuais, decisões editoriais que tiveram como objectivo facilitar a leitura. Contudo, em alguns casos específicos, optou-se por não proceder à normalização, tendo por base, portanto, a edição de 1981, e isto de modo a preservar a escrita do texto original. Manteve-se, assim, o apóstrofo (mesmo nos casos em que a contracção não é hoje normalmente usada), as contracções, os arcaísmos; a pontuação manteve-se também conforme à do autor, dada a especificidade desta em termos de configuração estética.

Numa segunda fase, e em virtude de uma decisão que chegou depois de ter procedido ao confronto entre edições acima descrito, foi fixado o texto de acordo com a edição de 2007, publicada pelas Edições Caixotim (considerada a mais fiel ao manuscrito).

Mário Botas, *Spleen*. Lisboa: Sistema Solar, 2013. Revisão do texto de apresentação de Almeida Faria a partir da edição de 1988 (Imprensa Nacional - Casa da Moeda).

Almeida Faria, *Paixão* (prefácio de Óscar Lopes). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Revisão a partir da edição de 2008, *A Paixão*, publicada pela editora Leya.

Ruy Belo, *O Problema da Habitação – alguns aspectos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Confronto entre provas e antologia que reúne a obra completa do autor (Ruy Belo, *Todos os Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009).

Eugénio de Andrade, *Primeiros Poemas, As Mãos e os Frutos, Os Amantes sem Dinheiro* (prefácio de Gastão Cruz). Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

Eugénio de Andrade, *Obscuro Domínio*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Eugénio de Andrade, *Coração do Dia, Mar de Setembro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Confronto entre provas e antologia que reúne a obra completa do autor, editada em 2000 pela Fundação Eugénio de Andrade, não só no que diz respeito a esta edição, como também nas outras duas acima referidas.

Enrique Vila-Matas, *Suicídios Exemplares* (tradução de Miguel Castro Henriques). Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Revisão a partir da edição publicada pela Assírio & Alvim, em 1994.

Além de rever os textos que me foram entregues, sugeriram-me que escrevesse notas biográficas sobre figuras da cultura portuguesa, no total 52, que acompanhariam as respectivas caricaturas feitas pelo cartoonista António Antunes. O livro, que veio a ter o título de *Caricaturas do Metro Aeroporto*, saiu em Janeiro de 2013, e embora eu não tenha acompanhado o processo de edição, visto que o estágio terminara em Dezembro, estive presente no lançamento do dia 25 de Janeiro, no Museu Bordalo Pinheiro (Lisboa).

Seguem-se alguns exemplos:

Vergílio Ferreira (1916-1996): Neo-realista em tempos académicos (*O Caminho Fica Longe* ou *Onde Tudo Foi Morrendo*), e num momento em que, palavras suas, uma passagem pelo *movimento* era fundamental, quase obrigatória, dada a situação económica e social do país, na altura sob um regime de ditadura. Desiludido com a ambição de criar um Novo Humanismo (homem consciente e interventivo, capaz de transformar a sociedade), Vergílio Ferreira abandona o projecto colectivo, e a partir dos anos 60, influenciado sobretudo por Sartre, Camus ou Malraux, cria um universo romanesco com muito de fantasmático, em que a personagem única vai em questionamento permanente de si, face à ausência de Deus e de verdades únicas, desassossegado. Dizia-se um «marginal», não um *escritor maldito*, mas um «marginal», à margem «das principais festividades literárias» onde, segundo ele, caía «muito pó e muito lixo», não sendo, por isso «um lugar muito agradável».

Stuart Carvalhais (1887-1961): Os pequeno-burgueses, envernizados e contraditórios, mas também os arraiais e as gentes em procissão pelos velhos bairros dessa Lisboa «viva, inteira, elegante por vezes, amarga outras mais», como diria Stuart Carvalhais, os tipos da rua - «os gatos, as varinas, as lindas pernas de costureiras, as janelas, as quelhas e escadinhas, os arcos, os candeeiros, os garotos, os pobres de pedir dos nossos dias» (descrição de Leitão de Barros, o realizador), e a mulher, a da missa e a do café – a *Sonja* de Christian Schad - a saloia e a prostituta, a camponesa, de saia comprida e com pregas, avental, chinelas pretas e lenço sobre os cabelos. Foi ilustrador, pintor, desenhador, cenógrafo, figurinista, realizador de cinema e actor. Os seus trabalhos foram publicados no *Diário de Lisboa, Ilustração, Diário de Notícias, ABC-zinho, Ilustração Portuguesa, etc.*

Aquilino Ribeiro (1885-1963): «Obreiro das letras» assim se designava. Para os outros «o mestre da língua», por tê-la reciado, renovado, numa combinação entre o rústico e o erudito, entre o *grosseiro* e o requintado. Do campesino beirão ao pequeno-burguês da província e deste ao cosmopolita, da mulher tentadora, a Vénus Negra de Charles Baudelaire, à virgem devota. Politicamente empenhado, com a publicação de artigos de opinião, ficção e propaganda republicana de crítica ao regime monárquico, entre outras actividades. Mais tarde, em Paris, convive com intelectuais portugueses, como ele forçados a viver fora do país, e envolve-se em projectos editoriais, escreve crónicas e contos. De regresso a Portugal, continua a escrever (ficção, tradução, ensaios, crónicas), é professor, bibliófilo e bibliotecário, e mantém a actividade cívica, com a participação em manifestações e acções anti-regime. Entre Paris e Lisboa, de manifestação em manifestação, com outra ida à prisão pelo meio, até instalar-se definitivamente em Portugal.

3. DA MADEIRA E CASCA DE ÁRVORES AO E-BOOK

Livros: suportes defeituosos, que «mobilizam em demasia o nosso tempo e a nossa atenção, convidam à preguiça e acabam por ser um obstáculo para a aquisição própria de conhecimentos (...) ocupam o nosso espírito com coisas sem utilidade e afastam-nos da vida quotidiana». Se na posse de «pessoas mal formadas», irão «infectar o mundo de irreligião, de superstição e de corrupção nos costumes». E isto é válido para os livros *humanos* (compostos pelo homem), *divinos* (ditados pela própria divindade), *sibílicos* (das sibilas, profetisas do paganismo), *fulminantes*, *libri fulgurantes* (dos trovões e relâmpagos e respectiva interpretação desses fenómenos), *fatais* (com previsões sobre o fim da vida dos homens, ou o Alex Tanous dos tempos antigos), *claros*, *obscuros* ou *prolixos*, *perdidos*, livros *prometidos*, *elementares*, *auxiliares*, *apócrifos*, *canónicos*, *esotéricos* e, finalmente (embora a lista seja vasta e não termine aqui), os livros de *biblioteca* – aqueles de que não se espera que sejam lidos na íntegra, mas consultados de acordo com as necessidades¹.

No princípio era a madeira e a casca das árvores. Preparavam-se pequenas tábuas de madeira, as chamadas tabuinhas, que serviam de suporte à escrita, tanto no Egipto, como no Chipre. No entanto, e dadas as características do material, o processo de inscrição era moroso e exigia esforços redobrados. Além disso, assim que eram fixados, os signos dispunham de um período de vida limitado, e reduzido, fazendo com que a escrita fosse de carácter provisório. Outras soluções foram procuradas.

No III milénio a.C, coube aos egípcios a vulgarização do papiro, que se utilizava sob a forma de folha ou rolo, ao mesmo tempo em que se experimentavam outros suportes de escrita, como a placa de argila cozida (fixados os caracteres com o auxílio de um estilete em forma de cunha assim que a superfície estivesse mole), usada na

¹ Caracterização de acordo com um artigo presente na *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert (1751), analisado por José Afonso Furtado em *Os Livros e as Leituras – Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras (2000), pp. 13-16.

Mesopotâmia para fixar a escrita do que viriam a ser documentos económicos, históricos, agrícolas, ao serviço da corte, que procuravam assim garantir a organização e assegurar o funcionamento do sistema. O papiro, planta usada no Egipto, e que crescia no delta do Nilo e na Síria (região da Babilónia), provou ser, durante muito tempo, um material prático: por ser macio, o instrumento de escrita movia-se com facilidade, as tintas aderiam e os pigmentos conservavam-se. De pincel de cana em riste, o escriba decidia-se pelo preto ou pelo vermelho (cores mais usadas na altura), para finalmente fixar sobre uma superfície da outrora fibra vegetal (extraída do caule do *Cyperus papyrus*) que, em alguns casos, podia ir até aos 45 metros (*Papiro Harris*), sendo que em média tinha entre 6 a 8 metros, e dar origem àquilo que para os Gregos seria um *kylindros*, e para os Latinos um *uolumen* (do verbo *uoluere*: enrolar), pronto a ser lido depois de fixada a vara de cedro ou marfim na última folha do papiro, e enrolado o manuscrito em torno dela.

Artur Anselmo, na sua *História da Edição em Portugal*², de 1991, explica que o termo *uolumen* (de enrolar) está relacionado com o facto de que, para ser lido, o leitor tinha de segurar o rolo na mão direita e desenrolá-lo com a esquerda, a mesma mão que deveria usar para a pouco e pouco tornar a enrolar a parte do volume já lida.

Apesar de prático, e de grande aceitação no Egipto, Grécia e Roma, tendo inclusive levado à constituição de bibliotecas e ao desenvolvimento do comércio livreiro, o papiro apresentava algumas desvantagens: não resistia à água e tampouco à humidade. Era por isso necessário substituí-lo.

Chegou o pergaminho (500 a. C.), que além de ser mais resistente e sólido, tornando possível a feitura do livro (agora com o nome de *codices* ou *libri quadrati* – livros quadrados) mais próxima da que conhecemos hoje (várias folhas reunidas e costuradas na margem inferior), permitia que se escrevesse em ambos os lados, ao contrário do papiro, que apenas podia ser utilizado de um lado, aquele em que as fibras eram paralelas ao sentido da escrita. Fabricado a partir de peles de animais (carneiros, cabritos, cabras, vitelos, burros), através de processos de corte, curtimento e branqueamento, o pergaminho veio a tornar-se o suporte do livro por excelência, e

² Anselmo A. (1991), *História da Edição em Portugal, Volume I – Das origens até 1536*. Lisboa: Lelo & irmãos – editores, pp. 9-25.

graças a ele não só se alterou toda e qualquer concepção a respeito do livro enquanto objecto, como também se modificou a própria escrita, ou a aparência da escrita, tornada assim mais carregada, mais ostensiva, pelo uso de uma pena de bico largo (de pato e de outras aves), em vez do tradicional pincel. Contudo, assim como a escrita foi evoluindo e tornando-se de uso generalizado, foram também intensificando-se as críticas em torno do pergaminho. Destacam-se uns certos fabuladores a quem aprazia uma certa história a respeito de um certo rebanho que foi massacrado em virtude da feitura de um certo manuscrito.

A partir do século II, na China, e depois um pouco por todo o extremo Oriente, começou a utilizar-se outro suporte de escrita: o papel. Uzbequistão, Bagdad, Damasco, Marrocos, e, finalmente, Espanha, momento que corresponde à entrada “oficial” do papel na Europa Ocidental, para dali chegar ao Norte de Itália.

No caso do papel, as desvantagens vieram primeiro, ou foram percebidas desde cedo: demasiado mole, frágil, sem consistência, pouco resistente a dedos nervosos e insistentes, e por isso rejeitado em tudo o que dissesse respeito, directa ou indirectamente, à conservação de textos. Mais tarde, e depois de tentativas no sentido de otimizar o processo de fabrico, algumas bem-sucedidas, o papel tornou-se, como se sabe, o principal suporte de escrita.

Da madeira ao papiro, do papiro ao pergaminho, do pergaminho ao papel, e finalmente do papel ao e-book, o livro em formato digital (em torno do qual orbitam as livrarias virtuais, obras de referência e bases de dados textuais online, obras hipertextuais, dispositivos de leitura de livros electrónicos), o suporte de escrita que a pouco e pouco, e a custo de um historial de querelas que já vai longo, parece querer impor-se, impondo também uma alteração profunda (não tanto, porém, como a que resultou da transição do papiro para o pergaminho, por razões várias), não só ao nível das técnicas de reprodução do texto ou do veículo de transmissão, como também no que diz respeito às práticas de leitura³.

Senão vejamos:

1972 - Ano Internacional do Livro por iniciativa da UNESCO, 19.º Congresso da UIE (União Internacional dos Editores). Ouve-se falar, pela primeira vez, dos «benefícios que os editores podiam já retirar dos computadores» e «dos problemas nascentes provocados pelo audiovisual»⁴. Ainda que sem e-books, ou sem e-books com o potencial de comercialização que têm actualmente, a edição electrónica – com o Projecto Gutenberg e poucos anos depois com os CD-ROMs, as disquetes e os vários meios de distribuição de textos electrónicos – principiava a “imiscuir-se” no discurso do livro⁵.

1978 - Numa iniciativa da mesma natureza: «os editores não o são apenas de livros, editores de papel»; pelo contrário, «tudo o que toque em comunicação tem, de alguma forma, a ver com eles: papel, disco, cassete, satélites, etc.»

1984 – 22.º Congresso do México – as «novas tecnologias ocuparam um lugar proeminente», foi produzido «um número apreciável de resoluções e recomendações nos campos da edição electrónica». De Akio Morita, então presidente da Sony, dizia-se que no discurso inaugural, de título *O Mundo Tecnológico de Amanhã*, «ante os olhos maravilhados da assistência, apresentava atrás de si a totalidade de volumes da *Enciclopédia Britânica* e exibia nas mãos um pequeno disco de 5” onde, dizia, era possível armazenar (e consultar) todo aquele texto».

³ «(...) muitas das categorias com que temos lidado, captado, entendido e apropriado a cultura escrita estão a alterar-se: “assistimos a mudanças nas técnicas de reprodução do texto, na forma ou veículo do texto e ainda nas práticas de leitura. Esta situação nunca tinha ocorrido anteriormente. A invenção do códice no Ocidente não modificou os meios de reprodução dos textos ou dos manuscritos. A invenção de Gutenberg não modificou a forma do livro. As revoluções nas práticas de leitura ocorreram no contexto de uma certa estabilidade quer nas técnicas de reprodução dos textos, quer na forma e materialidade do objecto. Ora, hoje, estas três revoluções - técnica, morfológica e material – estão perfeitamente interligadas”». Chartier, R. (2002). In Furtado, J.A. (2006). *O Papel e o Pixel*. Recuperado em 10 Janeiro, 2013, de http://www.academia.edu/630121/O_papel_eo_pixel

⁴ Guedes, F. (2001). *O Livro como Tema, História, Cultura, Indústria*. Lisboa. In Martins, J.M. (2005). *Profissões do Livro – editores e gráficos, críticos e livreiros*. Lisboa: Vero, p. 82.

⁵ Segundo José Afonso Furtado (2006), a ideia de livro electrónico portátil remonta a 1968, ano em que fora elaborado por Alan Key o conceito de Dynabook, «um computador portátil interactivo e portátil, tão acessível como um livro».

1988 – 23.º Congresso de Londres – é apresentada uma «declaração em favor do livro para a década de 90». Destaque para o tema «utilização das novas tecnologias na edição».

1990 – É criado o International Publishers Copyright Council. Objectivo: debater «a cada vez mais complexa problemática do direito de autor» (Guedes, 2001).

1996 – 25.º Congresso de Barcelona – tema debatido: «O livro electrónico e as auto-estradas da informação».

2000 – O e-book entra finalmente em cena, depois de todo o ruído mediático, estudos de mercado que garantiam o sucesso, senão imediato, quase imediato do livro electrónico, e contributo das grandes empresas, armadas de tudo o quanto é “nova” tecnologia. Com ele, chegam ainda mais formatos, meios e canais de distribuição, a lei do copyright é alterada, «e tornam-se inevitáveis as mudanças na economia da edição» (Furtado, 2006).

E a discussão alastra-se, como seria de esperar, a Portugal.

1999 – Lisboa – discute-se a «utilidade» das «novas» tecnologias, em termos económicos, industriais e jurídicos naquela que foi a «primeira conferência nacional que se realizou em Portugal sobre este tema, contando com a participação não só de académicos, mas também de vastíssimo número de empresas e instituições portuguesas»⁶ - a Conferência Especializada em Sistemas e Tecnologias de Informação.

2000 – Lisboa – Congressos e mais congressos, e note-se o que em comum tinham: e-advertising, e-business, e-communication, e-consumer, e-finance, e-logistics, e-marketing. «Manifestações tribais de celebração eufórica da novidade» por parte de «toda uma multidão frenética e impaciente de académicos, gestores, economistas, engenheiros, informáticos, jornalistas», ávidos de novidades tecnológicas e económicas (Martins, 2005).

⁶ Tavares, L.V., Pereira, M.J. (2000). *Nova Economia e Tecnologias de Informação. Desafios para Portugal*. Lisboa: Universidade Católica. in Martins, J.M. (2005), pp. 85-86.

2001. Chegam as primeiras inquietações. O livro que conhecemos desde Gutenberg estará condenado? Quais serão os suportes de leitura amanhã? E o livro, que futuro terá o livro?

Em pouco tempo, termos como e-book, versão digital, iPad, iPod, e-readers, tablets, kindle, Kobo, passariam a fazer parte do vocabulário comum, com a revolução do e-book, ou evolução, como preferem alguns.

Senão vejamos:

2010 – Reino Unido – British Publishers Association: as vendas digitais, onde estão incluídos os e-books, downloads e audiobooks, aumentam 318% (de £4 milhões em 2009 para £16 milhões em 2010). O mercado de e-book do Reino Unido aproxima-se do americano, em tamanho e ritmo de crescimento⁷.

2011 – França – caso especial. Governo e Sindicato (*Syndicat National de L'Edition*) insurgem-se contra os e-books (que constituem apenas 3% do total das vendas de livros). A medida: fixação de preços, independentemente de o livro ser comprado online ou numa livraria, de grande ou pequena dimensão, comercial ou especializada, isto é, de nicho. Justificação: salvar as livrarias independentes dos danos provocados pelo mercado livre. O resultado: em França há mais de 3 000 livrarias locais independentes (400 em Paris), enquanto no Reino Unido o número desce para 1000 livrarias, das quais 130 estão em Londres⁸.

2011 – Espanha – Observatorio de la Lectura y el Libro: edição digital aumentou 43% relativamente ao ano anterior e a edição em papel diminuiu 4,2%. No número de leitores digitais foi também verificado um aumento de 48,6% no início de 2010 para

⁷ Publishers Weekly. (October 2012). *The Global eBook Market: Current Conditions & Future Projections*. Recuperado em 12 Janeiro, 2013, de <http://www.publishersweekly.com/>

⁸ Chrisafis, A. (2012). Why France is shunning the ebook. *The Guardian*. Recuperado em 13 Janeiro, 2013, de <http://www.guardian.co.uk/books/shortcuts/2012/jun/24/why-is-france-shunning-ebooks>

52,7% em finais de 2011. Dito de outra forma: por cada 3,5 livros em papel que são registados, um é digital⁹.

2012. Estados Unidos da América. Pew Research Center Internet & American Life Project Library Services Pew: o número de leitores de e-books está a aumentar (de 16% em 2011 para 23% em 2012) e o de livros impressos a diminuir (de 72 para 67%, em igual período), ao mesmo tempo que aumenta o número de utilizadores de e-book readers e tablets (aumento de 10% em 2011)¹⁰.

2012. Portugal. Estatísticas não as há, e a informação a este respeito, como se não bastasse ser reduzida, encontra-se ainda muito dispersa entre *websites* e trabalhos académicos. Mas sabemos que: a Almedina iniciou em Junho a venda de e-books, meses antes de a Fnac o ter feito; que a Wook – livraria online do grupo Porto Editora – já o fazia desde o ano passado (2011), assim como a Bertrand e a LeYa Online (do grupo Leya, o mesmo que lançou em Dezembro de 2012 uma plataforma de autopublicação, a Escrytos, que permite a cada autor a publicação de textos em formato digital e posterior comercialização nas principais livrarias online a nível mundial) desde 2010.

Quanto às editoras: a Alêtheia Editores iniciou, no ano que introduz este tópico, a venda das suas edições em formato digital, para mais tarde ter grande parte do catálogo editorial disponível em formato electrónico¹¹, assim como a Nova Delphi, que procura desde a sua génese a conjugação entre o impresso e o digital, sem abdicar de um dos formatos, e a Centro Atlântico (especializada em livros técnicos), que disponibiliza e-books desde 1999.

Apenas alguns exemplos, por certo escassos, e propositadamente escassos dado o propósito do presente relatório, que não ambiciona uma análise profunda da evolução do mercado de livros digitais, mas antes uma abordagem geral, de modo a introduzir o tópico que aborda o uso das “novas” tecnologias na edição de livros, no

⁹ Observatorio de la Lectura y el Libro. (2012). *El sector del libro en España 2010-2012*. Recuperado em 13 Janeiro, 2013, de <http://www.mcu.es/libro/MC/ObservatorioLect/index.html>

¹⁰ Pew Internet & American Life Project. (2012). *E-book Reading Jumps, Print Book Reading Declines*. Recuperado em 20 Janeiro, 2013, de <http://www.pewinternet.org/>

¹¹ Bastos. S. (2012). [Entrevista com Alexandra Loura, da Alêtheia Editores]. *eBook Portugal*. Recuperado em 14 Fevereiro, 2013, de <http://ebookportugal.net/#axzz2NSeambVB>

contexto dos projectos que eu acompanhei entre Setembro e Dezembro de 2012.

4. SISTEMA SOLAR

Na Sistema Solar, não só não se publicam e-books, como é recusada a possibilidade de vir a editar em formato digital, com o argumento de que uma edição desta natureza exige custos elevados e pouco ou nada compensatórios. De um modo geral conservadora a direcção editorial, além de relativizar a questão do digital, o que não causa surpresa dada a ausência de dados e desconhecimento por parte do sector face ao que alguns vêem como o formato de eleição associado ao novo paradigma da edição e outros, os *céptico-saudosistas*, apenas como mais um delírio *filoneísta* já sem as caravelas portuguesas, e uns e outros de acordo, porém, na hora de evocar o pouco estudo dedicada à matéria, além de relativizar a questão do digital, dizia, a direcção editorial mantém a mesma atitude de reserva e desconfiança, ainda que a abertura se vá fazendo a pouco e pouco em relação às diversas ferramentas de comunicação através da Internet. Isto é, se efectuarmos uma pesquisa num motor de busca através da expressão “Sistema Solar editora”, ou similares, seremos reencaminhados para websites de livrarias ou directórios de empresas. Tentamos com “Documenta editora” e o resultado parece mais satisfatório - *Documenta*: «Editora em órbita», título de uma publicação de Setembro de 2012, no blogue da editora. Ainda assim, não há presença nas redes sociais (seja Facebook, seja Twitter ou Orkut), nas redes profissionais, como o LinkedIn, na Web, através de um site, embora tenha sido apresentado um projecto por parte de uma empresa de Web Design (reunião entre designers e editor em que eu estive presente) que não chegou, todavia, a ser concretizado.

Tal rejeição dos suportes digitais acompanha a valorização das relações pessoais e dos contactos profissionais, o digital subordinado ao humano, se quisermos, ou a ausência de necessidade de adaptação a um novo paradigma porque o anterior é sólido e resulta e não surgiu ainda a *anomia* que o faria entrar em *crise*. Ou ainda aquilo que Bordieu definia como o capital social: «l’ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d’un *réseau durable de relations* plus ou

moins institutionnalisées d'interconnaissance et d'interreconnaissance»¹². Por outras palavras, aquilo que um indivíduo pode obter em termos económicos (*capital économique*) através das relações sociais que estabeleceu ao longo do tempo, as necessárias para formar uma rede social vasta e coesa, e quanto maior a rede, maior o capital social, passível de ser convertido em capital económico - «Le volume du capital social que possède un agent particulier dépend donc de l'étendue du réseau des liaisons qu'il peut effectivement mobiliser (...)»¹³.

Embora tenham sido criadas em 2012, e por isso consideradas chancelas recentes da Sistema Solar Cooperativa Livreira, a estrutura que impulsionou uma e outra, Documenta e Sistema Solar, é, por assim dizer, antiga, e ainda (à excepção de reestruturações necessárias sobretudo ao nível dos profissionais da área da revisão de texto) a da Assírio & Alvim que o público guarda na memória: a de Manuel Rosa (de que foi director entre 2001 e 2012), e antes disso, a de Hermínio Monteiro (1983-2002), e que no ano passado (2012) foi adquirida pelo grupo Porto Editora, ficando Manuel Rosa como colaborador externo. Isto é, responsável por uma parte do catálogo, aliás, responsável pela execução de parte do catálogo (pré-impressão e impressão), excluídas, portanto, as funções de decisão, ou excluídas de acordo com a minha percepção no local de trabalho.

Além da estrutura, “repete-se” a identidade, ainda que essa repetição seja assumida pelo editor no que à chancela Documenta (especializada na edição de livros de arte, imagem e ensaio, assim como a antiga Assírio & Alvim, excluída a poesia) diz respeito.

De facto, apesar de a Sistema Solar se apresentar como a chancela da ficção (que aposta sobretudo em reedições de livros já publicados pela Assírio & Alvim), que, de algum modo, cede espaço às novidades, mantêm-se ainda os princípios que

¹² «O agregado dos recursos efectivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo». Bourdieu, P. (1980). *Le Capital Social, Actes de la recherche en sciences sociales*, 31, 2-3. Recuperado em 10 Fevereiro, 2013, de <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/arss>

¹³ «O volume do capital social que possui um determinado agente depende da quantidade de ligações que ele consegue efectivamente mobilizar». Bourdieu, P. (1980), pp. 2-3.

durante anos nortearam a actividade editorial da Assírio & Alvim: escolha criteriosa e baseada em princípios de qualidade das edições a publicar, aspecto gráfico que se distingue pela simplicidade e minimalismo, e um público-alvo específico – o chamado nicho dos bibliófilos, ou simplesmente bibliófilos, estratégia mais recente que as anteriores, ou recente entre as anteriores, e não tanto estabelecida de acordo com a identidade da Assírio & Alvim, embora já ali houvesse uma clara tendência para isso – de que se espera fidelização independentemente do resto, e por resto entenda-se circunstâncias económicas e poder de compra superior ou inferior ao esperado.

A comparação, que sem dúvida aproxima as duas chancelas recentes da antiga Assírio & Alvim, não pretende, de modo algum, uma análise mais ou menos profunda do que pode ser encarado como um prolongamento, um trabalho de continuidade, mas antes ponderar os benefícios que daí resultam.

Com uma vasta experiência na área da edição de livros, Manuel Rosa, como foi já referido, detém aquilo que Bourdieu definia como *capital social*, isto é, uma ampla rede social (de que o plano profissional é parte integrante), que além de acelerar o processo de integração no mercado editorial, e a adaptação deste às novas marcas, tornado quase imediato porque subordinadas uma e outra ao estatuto do editor, numa quase metonímia que torna dispensáveis apresentações e provas de credibilidade, que além de acelerar o processo de integração, dizia eu, suscita ou parece suscitar no editor a crença de que qualquer aposta no sector digital, “novas” tecnologias e ferramentas de comunicação, publicidade e marketing incluídas, não são tão eficazes quanto o prestígio granjeado ao longo de anos.

Assim que surgiram no mercado, Documenta e Sistema Solar foram apresentadas não como as chancelas dedicadas à publicação de um género literário específico, não como as chancelas dedicadas à publicação de um tipo específico de autores (exclusivamente nacionais, nacionais e internacionais com especial atenção sobre os primeiros, unicamente internacionais, autores contemporâneos, clássicos, “bestsellerizados”, *Não Nobel*, etc.), não como as chancelas dedicada a projectos editoriais alternativos, não como as chancelas que apresentavam melhor design de capa ou de obra, mas como as chancelas do antigo director da Assírio & Alvim, Manuel Rosa. E isto bastou para que os leitores se mostrassem receptivos, não se permitissem

a passar ao lado dos livros Documenta/Sistema Solar, e mais do que isso, não criassem resistência, fraca ou forte, a uma nova editora, o que, como sabemos, e por razões esquadrihadas até à exaustão em tudo o que é discussão formal ou informal, superficial ou com raízes profundas, informada ou não informada, é raro acontecer actualmente, da ordem do extraordinário, diria.

Do que se sabe sobre a editora Sistema Solar não será arriscado afirmar que estamos perante um modo particular de encarar a edição (ou, se quisermos, um pensamento ainda submisso e dominado pelas convenções da edição impressa), numa altura em que de fora chegam quase todos os dias estatísticas favoráveis ao florescimento de plataformas e conteúdos digitais, disponibilizados tanto por editoras, como por bibliotecas, de que é exemplo particular o projecto BiblioTech (concebido pelo juiz/bibliófilo americano Nelson Wolff), primeira biblioteca pública «desenhada para a idade digital», sugere o criador do projecto, onde em vez de livros haverá, a partir do Outono deste ano, e-books para emprestar, ao todo cem, que tanto podem ser requisitados como, e à semelhança do que acontece noutras bibliotecas, descarregados¹⁴; numa altura em que por cá também as editoras vão cedendo a pouco e pouco aos e-books, com menor expressão, claro, e ainda numa fase de prospecção, mas ainda assim casos a considerar, e a acompanhar, seja num registo de empenho formal, seja como questão pessoal, onde a mudança, se gradual, ou aparentemente gradual, se sentida de forma moderada, não permite que nos apercebamos das suas consequências reais; e, de um ponto de vista mais decisivo, numa altura pouco favorável à aquisição de produtos culturais, sejam eles quais forem.

Do que se sabe sobre a editora Sistema Solar não será arriscado afirmar que estamos perante um modo particular de, passe a expressão, “fazer edição”, que, e dado o número de reedições que foram publicadas no quarto trimestre de 2012 e as que estão previstas para 2013 (muitas delas de autores cujos direitos estão já no domínio público, o que tem consequências, como é óbvio, nos custos de edição), remete-nos, não de imediato mas se estivermos abertos a, para a feitura de livros assim

¹⁴ Portocarrero, M. (2013). Nos EUA haverá uma biblioteca sem um único livro em papel. *Público*. Recuperado em 3 Março, 2013, de <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/nova-biblioteca-abre-no-outono-sem-um-unico-livro-1580784>

como era praticada pelos monges copistas, que fechados nos *scriptoria* dos mosteiros e conventos, principal foco de produção de livros até 1200 (espécie de versão beta das editoras como hoje as conhecemos), se entregavam à tarefa de copiar, corrigir (pelo confronto entre original e cópia), decorar e restaurar manuscritos, a fim de serem usados no ensino das letras e matérias teológicas, entre outros assuntos técnicos e científicos¹⁵. Aqui como ali, impõe-se uma necessidade de preservação, de sujeição a um paradigma, de dar continuidade a um modelo, que se num caso resultava de motivações, aliás, imposições de carácter religioso, no outro pensa-se que resulte de decisões para as quais têm vindo a influir pareceres económicos, o que, a meu ver, afasta a possibilidade de aquilo que é visto como conservador/tradicional ser afinal a vanguarda, a rebelião, o *erro*. Falha a comparação, já de si falha (ou melhor, forçada) no ponto em que se trata de reedições (impostas, à partida, alterações sobre a primeira, a que serviu de base), e não de reimpressões; serve a mesma, contudo, para descrever uma situação que, não sendo exclusiva nem à editora em causa, nem a um momento específico da história da edição, representa, se quisermos, uma, ou a única saída, em tempos que se sabem difíceis para o mercado livreiro.

Apostar no que à experiência e intuição aparece como certo e seguro, de modo a minimizar os riscos, de modo a assegurar uma estabilidade que permitirá, senão a médio, a curto prazo, não ser excluído do mercado, das preferências dos leitores. Às ambições de crescimento, de aumento da quota de mercado, sobrepõe-se um pouco aparatoso, e não exclusivo à editora em causa, senão comum entre algumas editoras de pequena dimensão, *Aguentemo-nos*. A justificação: «On ne peut pas faire un coup, on n'a pas les moyens»¹⁶, dizia a directora de uma “pequena” editora do sul de França, em resposta a Bourdieu (1999).

¹⁵ «A primeira função de um *scriptorium* era a cópia de livros para serem acrescentados à colecção do mosteiro; secundariamente, produzia cópias dos seus próprios livros para outros mosteiros (...) Os mosteiros de uma certa dimensão tinham quatro tipos de escriturários: (1) os que faziam o trabalho vulgar de cópia da casa; (2) os treinados em caligrafia, que copiavam manuscritos de grande qualidade; (3) os “correctores”, que confrontavam e comparavam o livro acabado com aquele a partir do qual tinha sido copiado; (4) os rubricadores e os iluminadores». Sanger, F.G. (1998). *The Evolution of the Book*, New York and Oxford: Oxford University Press. In Furtado, J.A. (2000).

¹⁶ «Nós não podemos ter impacto, não temos os meios para isso». Bourdieu P. (1999). Une Révolution Conservatrice dans l'édition, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 126, 11-12. Recuperado em 10 Março, 2013, de http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1999_num_126_1_3278?Prescripts_Search_tabs1=standard&

4.1. *Aguentemo-nos*

Aguentemo-nos. E deste *aguentemo-nos* quer-se varrida qualquer ideia negativa, mal elaborada, perfeita ou imperfeitamente justificada, muito ou pouco descabida. Estamos muito, muito longe daquele *aguentemo-nos* que vai nas entrelinhas do “sim, vai-se andando”, ou “vai estando” em resposta à pergunta óbvia; daquele *aguentemo-nos* que, ausente aquele que o profere, permite contudo, e de imediato, imaginá-lo acompanhado de $\frac{1}{4}$ de sorriso, por sua vez acompanhado de um encolher de ombros, por sua vez acompanhado de um movimento ascendente das mãos; daquele *aguentemo-nos* que, e dado o significado de “resistir” que lhe é atribuído, ao ser maternal, ou por ser maternal, é tão triste quanto heróico, qual Andrómaca incansável.

Sendo a Sistema Solar uma editora que se rege por princípios de qualidade, e atestam-no os livros que publicou e continua a publicar, é óbvia a tentativa (bem-sucedida, diga-se) de explorar o lado interessante de uma edição mais tradicional: aquele onde há uma relação privilegiada entre autor e editor, o que aliás distinguiu durante anos a Assírio & Alvim no panorama editorial português, e prova disso são os vários testemunhos de escritores publicados pela editora, como é o caso de Al Berto, que nos seus diários menciona mais do que uma vez o nome de Manuel Rosa e Ilda David, na altura ilustradora da Assírio & Alvim.

Além disso, na tríade formada por autor, editor e público, há uma clara valorização do primeiro, ao contrário do que estabelece um dos paradigmas actuais da edição, onde as decisões editoriais sobre o que é ou não publicado, estão - e isto não é de agora, mas desde que alguém percebeu que podia fazer dinheiro com livros -, à mercê dos caprichos do público; valorização do autor, reforço, assim como era já princípio fundamental na antiga Assírio & Alvim, embora com algumas restrições, que, de resto, também não são de agora, mas desde que se sabe que a poesia, simplesmente, não vende.

Sendo a Sistema Solar uma editora que se rege por princípios de qualidade, e atestam-no os livros que publicou e continua a publicar, é óbvia a tentativa (bem-sucedida, repita-se) de explorar o lado interessante de uma edição mais conservadora, pois que se dedica à reedição de autores que, de outro modo, não seriam publicados, com acrescentos dignos de nota, como o são os belíssimos prefácios de Aníbal Fernandes, o tradutor e amigo da casa.

Além do lado interessante da edição tradicional e conservadora, que explora o lado interessante do meio editorial/social, não o dos encontros de escritores, apresentações e lançamentos de livros, e cerimónias de atribuição de prémios, mas o que permite que se estabeleçam ligações entre editor e profissionais da edição, editor e equipa de trabalho na editora – estagiários incluídos, e incluído não só um acompanhamento constante do trabalho desenvolvido por estes, como também a atenção, preocupação, a estima, o carinho –, editor e membros do já coeso núcleo de leitores Assírio & Alvim/Documenta/Sistema Solar. Por fim, o lado interessante da edição, o lado que é o lado da arte, e não o do dinheiro, algo que certamente sossegaria Flaubert, ou não tivesse sido ele a pôr a questão nestes termos.

CONCLUSÃO

Pelo que foi apresentado e descrito, resta-me concluir que os objectivos inicialmente estabelecidos foram alcançados. Apesar de o meu contributo ter sido sobretudo ao nível da revisão de texto, tive a oportunidade de conhecer o modo de funcionamento de uma editora, desde o momento de recepção das provas até ao da entrega do livro para impressão. Cheguei, inclusive, a visitar umas das gráficas com que a editora trabalha, o que me permite, agora, ter uma visão ampla a respeito do modo de funcionamento de uma editora de pequena dimensão. Ainda que a vertente de comunicação associada à edição tenha sido pouco explorada, não por decisão pessoal ou imposta, mas porque não é modalidade prioritária, a experiência na Sistema Solar - Cooperativa Editora e Livreira foi enriquecedora e abrangente: tive acesso a uma vasta biblioteca que testemunha anos e anos de dedicação (um verdadeiro trabalho de amor e ternura) à edição de livros dos ditos escritores maiores e a outros que, de todas as formas, vieram tornar mais rico o meu “historial” de leituras; foram-me fornecidos vários materiais de apoio (além das recomendações diárias dos revisores mais antigos) à revisão de texto, não só técnica, como também literária, e a experiência que tive nessa área mais específica tornou certa uma certa suspeita: a de que a revisão de texto é, de facto, um trabalho de paciência e persistência, que requer uma dose significativa de atenção, concentração, silêncio, solidão, ainda que o resultado não permita ao leitor comum perceber o esforço que terá sido empreendido no sentido de lhe fazer chegar um texto “limpo”, sem obstáculos que dificultem a leitura, sem algo que cause ruído ou que o distraia do essencial.

A experiência de estágio permitiu-me ainda perceber que a edição de um livro exige muito tempo (várias revisões do mesmo texto, às vezes quatro, cinco, e feitas por pessoas diferentes, várias tentativas de paginação, tanto por causa do processo de revisão descrito e que, de facto, é muitas vezes moroso, como também devido às

sugestões e preferências do autor, que, por alguma razão, decide que afinal deverá existir um página em branco depois da folha de rosto ou que o seu nome, apesar de estar em destaque, e isso lhe agradar, deve ser deslocado para o canto inferior direito da página, porque assim vai melhor com as suas convicções, ou que o título afinal deve ser reduzido a metade para que a ideia fundamental do texto não se perca no excesso de palavras.

A edição de um livro exige, verdadeiramente, muito tempo, e exige ainda uma espécie de desdobramento para que seja possível atender a necessidades e carências várias. Além do esforço de reunir meios e condições para tornar viável e efectiva a publicação, que por si é já um esforço maior, é necessária a capacidade de saber lidar com os autores, alguns autores, que, quando chegam, trazem às costas uma saca a rebentar pelas costuras de ideias e caprichos. Nestes casos, é preciso dar atenção, não negar, à partida, um possível entendimento, ainda que as cedências sejam óbvias, tentar perceber o que é pretendido, e corresponder senão de um modo perfeito, porque muitas vezes é impossível, tendo em conta os recursos disponíveis, pelo menos com aparência de perfeito, porque assim conquistar-se-á a compreensão e aval do autor.

Apesar disso, editar um livro é obra digna de admiração e louvor, porque há pouquíssimos acontecimentos tão gratificantes quanto o de ter em mãos um exemplar de um livro que acabou de chegar da gráfica, e que dali a minutos irá atravessar em voo picado cinco pisos para finalmente poisar na montra da livraria da Assírio & Alvim.

BIBLIOGRAFIA

Anselmo A. (1991), *História da Edição em Portugal, Volume I – Das origens até 1536*. Lisboa: Lelo & irmãos – editores.

Furtado, J.A. (2000), *Os Livros e as Leituras – Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras.

Furtado, J.A. (2009), *A edição de livros e a gestão estratégica*. Lisboa: Booktailors.

Furtado, J.A. (1995), *O que é o Livro*. Lisboa: Difusão Cultural.

Martins, J.M. (2005). *Profissões do Livro – editores e gráficos, críticos e livreiros*. Lisboa: Vero.

Websites consultados:

Bourdieu, P. (1980). Le Capital Social, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 31, 2-3. Recuperado em 10 Fevereiro, 2013, de <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/arss>

Bourdieu P. (1999). Une Révolution Conservatrice dans l'édition, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 126, 11-12. Recuperado em 10 Março, 2013, de http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1999_num_126_1_3278?_Prescripts_Search_tabs1=standard&

Chrisafis, A. (2012). Why France is shunning the ebook. *The Guardian*. Recuperado em 13 Janeiro, 2013, de <http://www.guardian.co.uk/books/shortcuts/2012/jun/24/why-is-france-shunning-ebooks>

Furtado, J.A. (2006). *O Papel e o Pixel*. Recuperado em 10 Janeiro, 2013, de http://www.academia.edu/630121/O_papel_eo_pixel

Observatorio de la Lectura y el Libro. (2012). *El sector del libro en España 2010-2012*. Recuperado em 13 Janeiro, 2013, de <http://www.mcu.es/libro/MC/ObservatorioLect/index.html>

Pew Internet & American Life Project. (2012). *E-book Reading Jumps, Print Book Reading Declines*. Recuperado em 20 Janeiro, 2013, de <http://www.pewinternet.org/>

Publishers Weekly. (October 2012). *The Global eBook Market: Current Conditions & Future Projections*. Recuperado em 12 Janeiro, 2013, de <http://www.publishersweekly.com/>

ANEXOS

Anexo 1 – Notas biográficas

António Antunes, *Caricaturas do Metro Aeroporto*, Documenta, 2013

Alexandre O'Neill (1924-1986)

“Desimportantizar”, dizia O'Neill. O que significaria? “Aliviar os outros, e a mim primeiro, da importância que julgamos ter. Só aliviados podemos tirar o ombro da ombreira e partir fraternalmente, ombro a ombro, para melhores dias, que o mesmo é dizer, para dias mais verdadeiros. É pouco como projecto? Em todo o caso, é o meu.”

Com Fernando Azevedo, Vespeira, José-Augusto França, Mário Cesariny e outros criou o Grupo Surrealista de Lisboa, em 1947, de que acabaria por se afastar, como se afastou de outros grupos e tertúlias, como recusou o meio literário, avesso a poses e estatutos e outras finezas. Na escrita o mesmo: fora com os hermetismos, com o fazer vistoso e requintado e incompreensível para parecer mais do que é, diferente do que é, quando simplesmente não é.

Além de poeta, Alexandre O'Neill escreveu para publicidade, foi cronista de jornal, encarregado de uma Biblioteca Itinerante da Gulbenkian, tradutor e assessor literário.

Calouste Gulbenkian (1869-1955)

Apaixonado desde cedo pelas artes, ou não estivesse parte da sua infância ligada a Constantinopla, lugar de cruzamento entre várias civilizações, Calouste Sarkis Gulbenkian dedicou a sua vida, a par do interesse pelo mercado petrolífero do Médio Oriente, à actividade de bibliófilo, coleccionador e investigador dado à aquisição de obras de arte, hoje reunidas num espólio que conta com mais de 6000 peças, desde a Antiguidade até ao princípio do séc. XX. Além de pintura, Calouste Gulbenkian, em negociações com peritos e comerciantes nos locais por onde ia viajando, recolheu também um importante espólio de escultura, cerâmica, manuscritos, encadernações, têxteis, joalharia.

Do seu desejo antigo de que as peças não estivessem dispersas, reunidas num único sítio, portanto, para usufruto da população, resultou a vinda da colecção para Portugal e, em 1969, a abertura do Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Raul Solnado (1929-2009)

Sempre soube que queria ser actor, mas isso parecia-lhe muito vago. Inspiravam-no alguns artistas, mas a atitude mantinha-se a de espectador. “Olhe pai, vou fazer teatro”, anunciou, depois da experiência no teatro amador, depois de ter percebido o quão terapêutico era estar em cima de um palco. Dá nas vistas na peça *Bota a Baixo* em 1960, mas é com a adaptação para português, em 1961, de «A Guerra de 1908», sketch do espanhol Miguel Gila, que chega o reconhecimento do público.

Com Fialho de Gouveia e Carlos Cruz, criou, em 1969, o programa Zip Zip, mistura de talk-show com números cómicos e musicais, e assegura com isso um lugar na memória dos portugueses (personagem do ladrão que roubou uma carteira da escola para fazer os trabalhos de casa ou do alemão Fritz que inventou as batatas fritas) e na História da televisão portuguesa, sucesso que *A Visita da Cornélia* (1971), concurso apresentado por Solnado, veio reforçar.

Além de teatro e televisão, Raul Solnado participou em filmes e em programas de rádio.

Vergílio Ferreira (1916-1996)

Neo-realista em tempos académicos (*O Caminho Fica Longe* ou *Onde Tudo Foi Morrendo*), e num momento em que, nas suas palavras, uma passagem pelo *movimento* era fundamental, quase obrigatória, dada a situação económica e social do país, na altura sob um regime de ditadura. Desiludido com a ambição de criar um Novo Humanismo (homem consciente e interventivo, capaz de transformar a sociedade) Vergílio Ferreira abandona o projecto colectivo e a partir dos anos 60, influenciado sobretudo por Sartre, Camus ou Malraux, e tendo como precursor Raul Brandão, cria um universo romanesco com muito de fantasmático, em que a personagem única vai em questionamento permanente de si, face à ausência de Deus e de verdades únicas, desassossegado.

Dizia-se um “marginal”, não um *escritor maldito*, mas um “marginal”, à margem “das principais festividades literárias” onde, segundo ele, caía “muito pó e muito lixo”, não sendo, por isso “um lugar muito agradável”.

Paula Rego (n. 1935)

Filha de pais republicanos e liberais, Paulo Rego, com 17 anos, é incentivada a estudar fora de Portugal, então sob regime salazarista. Londres acolhe-a, na Slade School of Fine Arts, mas a ligação com Portugal mantém-se enquanto espaço de memórias - a educação burguesa, as criadas, a mãe e a avó finamente vestidas, alimentando-lhe a imaginação com histórias populares e contos de fadas, as figuras recorrentes de meninas pequenas e puras - que se reflectem na sua produção artística, a par de outras referências, como a *Metamorfose* de Kafka, ou o *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, que, em dado momento, serviram de inspiração aos seus quadros.

Artista feminista, assim se descreve, e, de facto, as mulheres estão lá, duras e robustas, de uma “beleza grotesca”, nas palavras da artista.

Ao longo dos anos, trabalhou com colagens (inspirada na chamada *Arte Bruta*), acrílicos, e pastéis, onde o seu desempenho, crê, é superior.

Maria João Pires (n. 1944)

Estudou em Portugal e na Alemanha, e o reconhecimento internacional chegou em 1970, ao ser galardoada em Bruxelas com o 1º Prémio do Concurso do Bicentenário de Beethoven. Tinha então 26 anos. Desde essa altura tem actuado nos principais palcos internacionais, em recital e como solista, com as orquestras de maior prestígio.

Na música, interessa-lhe explorar a dimensão espiritual e desintrincar as mais complexas construções formais, e importa-lhe, acima de tudo, o público, “essa combinação irrepetível de gestos que fazem de cada partitura uma estreia”.

Criou centros para o estudo das artes, tanto em Salamanca (Espanha) como no Estado da Baía (Brasil), o que lhe tem permitido analisar em profundidade novas formas de comunicação e a influência da arte sobre a vida e a comunidade.

Diogo Freitas do Amaral (n. 1941)

Político e professor, licenciado em Direito, especialista em Ciências Político-Económicas e Doutor em Direito Público. É autor de uma numerosa bibliografia sobre Direito Constitucional e Administrativo, História da Ideias Políticas, Política Nacional e Política Externa e de Defesa, e ainda de uma biografia do rei D. Afonso Henriques.

Em 1974, fundou o CDS (partido democrata-cristão português) e foi presidente do partido de 1974 a Dezembro de 1982 e, de novo, de 1988 a 1991.

Foi ainda vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros (1980-81), primeiro-ministro interino (1980-81) e entre 1981 e 1983 foi ministro da Defesa Nacional e de novo vice-primeiro-ministro.

A nível internacional, foi presidente da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC), entre 1982 e 1983.

Júlio Pomar (n. 1926)

Lisboa, Rua das Janelas Verdes, 4º andar, com vista para o Tejo. Uma das memórias de infância, e a que mais marcou a sua vida, diz.

Em época de luta contra a ditadura, arte de compromisso social e político. Dinâmica, tensão, espaço dramático, valores abstractos – o que surge depois, não de uma necessidade de ruptura, mas da vontade de experimentar, de acrescentar, influenciado pela pintura de Goya e Columbano Bordalo Pinheiro, que serviram de referência e impulso para a nova fase, a do “fechemos os olhos para ver”, a de *Maria da Fonte* e *Cegos de Madrid*, em 1957.

Em paralelo, a escultura, o desenho, a ilustração de obras literárias (estudos e desenhos para o *Guerra e Paz*, de Tolstoi, entre 1955 e 1958 e para o *Romance de Camilo*, de Aquilino Ribeiro, ilustração de *As Mil e Uma Noites*, *O Barão*, de Branquinho da Fonseca, *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *O Cristo Cigano*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, *Pantagruel*, de François Rabelais, *Emigrantes* e *A Selva*, de Ferreira de Castro, entre outros) e também a poesia.

Ferreira de Castro (1898-1974)

A infância em contacto com a Natureza, numa espécie de errância bucólica, endeusando as árvores, os rios. Fascinavam-lhe sobretudo as historietas de cordel apregoadas nos mercados e outros folhetos à venda nas feiras com contos ou micronarrativas, “tão fascinadores como os doces, os camarões e os fogos de S. João”.

Com 12 anos viaja para o Pará, no Brasil, e ali se instala, nas margens do Rio Madeira, na Amazónia, trabalhando como caixeiro de armazém, ao mesmo tempo que ia escrevendo

pequenos contos e crónicas para vários jornais. Começa a redigir o primeiro romance, *Criminoso por Ambição*, que viria a ser publicado dois anos depois.

Deixa o Pará e vai para a cidade de Belém, onde é obrigado a trabalhar no que de imediato surge (como colar cartazes) para conseguir sobreviver. Um ano depois ganha notoriedade, e passa assim por um período mais estável. Em 1919 viaja pelo Sul do Brasil, frequenta o meio literário de S. Paulo e do Rio de Janeiro, e em Setembro regressa a Portugal. Funda o jornal *O Luso*, em que era ambição a aproximação luso-brasileira, e continua a escrever crónicas, reportagens, contos, histórias infantis, etc. Entre outras funções, co-dirigiu a revista *Civilização*, da editora com o mesmo nome, e através da qual publicou *A Selva*, em 1930, aquele que é o seu livro mais conhecido.

Cassiano Branco (1889-1969)

Recém-licenciado em Arquitectura, Cassiano Branco destaca-se com o seu projecto para o Cine-Teatro Éden, obra que acabou por ser terminada por outro arquitecto.

Com a *art déco* (movimento que surgiu em França durante os anos de 1920, com influência nas artes visuais), distinguiu-se pela projecção do antigo Café Cristal, na Av. da Liberdade (Lisboa), o Portugal dos Pequenitos, em Coimbra (uma das encomendas oficiais que recebeu e uma das últimas demonstrações do Estado Novo), o Café Império, em Lisboa, o Hotel Britannia, na mesma cidade, a esplanada do Café Palladium, no Porto, o estudo urbanístico para a Costa da Caparica, os bares no Cais do Sodré, então centro da vida boémia, etc.

De Cassiano Branco elogiava-se a capacidade de fazer de um programa menos ambicioso – um prédio de habitação ou um de aspecto vulgar – uma obra atraente.

Stuart Carvalhais (1887-1961)

Os pequeno-burgueses, envernizados e contraditórios, mas também os arraiais e as gentes em procissão pelos velhos bairros dessa Lisboa “viva, inteira, elegante por vezes, amarga outras mais”, como diria Stuart Carvalhais, os tipos da rua - “os gatos, as varinas, as lindas pernas de costureiras, as janelas, as quelhas e escadinhas, os arcos, os candeeiros, os garotos, os pobres de pedir dos nossos dias”, descritos por Leitão de Barros, o realizador, e a

mulher, a da missa e a do café – a *Sonja* de Christian Schad - a saloia e a prostituta, a camponesa, de saia comprida e com pregas, avental, chinelas pretas e lenço sobre os cabelos.

Foi ilustrador, pintor, desenhador, cenógrafo, figurinista, realizador de cinema e actor, com trabalhos publicados na *Ilustração*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *ABC-zinho*, *Ilustração Portuguesa*, etc.

José Saramago (1922-2010)

“Põe João Mau-Tempo o seu braço de invisível fumo por cima do ombro de Faustina, que não ouve nada nem sente, mas começa a cantar, hesitante, uma moda de baile antigo (...). E olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano, podemos quase a agarrá-lo, sua mulher Cipriana (...) e outros de quem não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas. Vão todos, os vivos e os mortos. E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal.”

Assim o apelo de Saramago: rever a História, *acordar os mortos e juntar os fragmentos*, que é como quem diz - os que não foram evocados, lembrados, no *chão curvados*, *exaustos e curvados*, os *dominados* pelas classes opressoras; rever os mitos, os valores, as crenças; rever a cultura ocidental.

Foi poeta, tradutor (Guy de Maupassant, Nikos Poulantzas, Henri Focillon, Jacques Roumain, entre outros), crítico literário, romancista, vencedor do Prémio Camões em 1995 e do Nobel da Literatura em 1998.

Beatriz Costa (1907-1996)

Assistia às peças de teatro ligeiro popular e sonhava estar nos palcos do Parque Meyer, em Lisboa, espaço dedicado ao teatro de revista.

Neste género se estreia aos 15 anos como corista, em *Chá e Torradas* (1923), no Cine-Teatro Éden, com o reconhecimento do público. Um ano depois, viaja com a Companhia para o Brasil, onde permanece até 1926. Continua a participar em revistas e operetas, e a popularidade é cada vez maior. A costureira Alice, conquista do boémio Vasco Leitão (Vasco Santana), em *A Canção de Lisboa* (1933), e a lavadeira Gracinda de *Aldeia da Roupa Branca* (1939) – referência para muitos, êxito presente na memória colectiva, assim como a irreverência e simpatia da que era conhecida como a “menina da franja”.

Sobre a sua vida escreveu em *Sem Papas na Língua* (1975) e *Quando os Vascos eram Santanas* (1977).

Eusébio (n. 1942)

Chamam-lhe “pantera negra”, “pérola negra” ou “o rei”.

Conhecido pela sua velocidade e remate de pé direito, que dizem poderoso, Eusébio da Silva Ferreira, ex-jogador do Sport Lisboa e Benfica, onde se manteve até 1975, com convites de outros clubes pelo meio, sempre recusados, é considerado um dos maiores jogadores de futebol do mundo.

Prolífero goleador, o que lhe valeu vários prémios e homenagens (Futebolista Europeu do Ano, em 1965, Bota de Ouro, Bota de Prata e maior marcador da Taça dos Clubes Campeões Europeus por diversas vezes, e prémios de equipa como o Campeonato Português de Futebol, a Taça de Portugal, a Taça dos Clubes Campeões Europeus e a Taça de Honra, entre outros, também em épocas várias.

Ainda se lhe elogia o fair-play e a humildade, lembrados tanto por aliados, como por adversários.

Desde que se retirou, forçado por lesões consecutivas nos joelhos, Eusébio tem representado o Sport Lisboa e Benfica em várias competições, ao lado dos jogadores e da equipa técnica.

Egas Moniz (1874-1955)

Medicina e política lado a lado, já desde os tempos académicos, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Republicado moderado, viria efectivamente a ser um dos mais importantes colaboradores de Sidónio Pais. Afasta-se, porém, desiludido com a I República, por demais violenta, e depois com o Estado Novo, observada a falta de liberdade.

A actividade científica veio mais tarde, tinha Egas Moniz mais de 50 anos, com a invenção da angiografia cerebral, que teve rápida expansão na Europa, e da leucotomia pré-frontal - através de uma técnica, a “psicocirurgia”, que o próprio considerava ousada ou temerária numa época em que outras terapias menos invasivas não estavam disponíveis - que ao contrário da primeira, seria pouco praticada no continente, e muito popular nos Estados Unidos da América.

Dedicou-se ainda à actividade literária, com a publicação de *Confidências de um Investigador Científico*, em 1949, e *A Nossa Casa*, um ano depois.

Foi Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia em 1949.

Eça de Queirós (1845-1900)

Começou no Jornalismo, com a colaboração em folhetins em Lisboa e em Évora, depois de ter estado na Coimbra romântica e boémia dos anos 60.

De aprendizagem literária, a figura de Carlos Fradique Mendes (cosmopolita, que exprime as ideias da vanguarda cultural portuguesa da segunda metade do séc. XIX) e *O Mistério da Estrada de Sintra*, com Ramalhão Ortigão, publicado em 1870.

Abertura a novos rumos, tanto a nível estético como ideológico, com as Conferências do Casino, na primavera de 1871. No mesmo ano, *As Farpas*, com Ramalho Ortigão, folhetins mensais de crítica social, humor e ironia à mistura, parte fundamental do seu projecto intervencionista, de resto extensível a toda a obra, a que se seguiria a escrita, publicação e revisão de romances e contos ditos realistas, o que pressupõe, à partida, e que no caso de Eça está por demais estudado, uma observação atenta tanto à política nacional como internacional, à evolução dos costumes e à actividade cultural.

Publicava periodicamente em jornais, revistas e almanaques, e fundou e dirigiu a *Revista de Portugal*, entre 1889 e 1892.

Duarte Pacheco (1900-1943)

Ministro das Obras Públicas e Comunicações no Governo de Salazar, que elogiava a sua capacidade de trabalho, método e rigor, Duarte Pacheco actuou em áreas como as obras públicas e os transportes e comunicações, a solidariedade social, o ensino e a cultura. Anos antes, tinha sido nomeado director do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, onde se licenciara e fora professor.

É da sua responsabilidade a planificação e execução de obras como a dos novos bairros sociais, a auto-estrada Lisboa-Vila Franca de Xira e Lisboa Estádio-Nacional, a marginal Lisboa-Cascais, a estação marítima de Alcântara, o aeroporto de Lisboa (em colaboração), o Estádio Nacional, o Instituto Nacional de Estatística, a Casa da Moeda, o Parque de Monsanto, em Lisboa, a Fonte Luminosa, na mesma cidade, entre outras.

Além disso, é da sua iniciativa outras obras que contribuíram para o desenvolvimento regional – pela expansão da rede rodoviária nacional – e da indústria portuguesa.

Carlos Lopes (n. 1947)

Sonhava ser jogador de futebol no Lusitano Futebol Clube, em Vildemoinhos, Viseu, de onde é natural. Acabou por fazer parte do à época recém-formado, por si e pelos amigos, núcleo de atletismo.

Foi 1º lugar no Campeonato Distrital de Viseu e 3º no Campeonato Nacional de Corta-Mato na categoria de juniores, o que o projectou para um campeonato em Marrocos e para o 25º lugar, melhor classificação entre os participantes portugueses.

É acolhido pelo Sporting Clube de Portugal e em 1976 ganha pela primeira vez o Campeonato Mundial de Corta-Mato (Chepstown, País de Gales). No mesmo ano foi medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal (Canadá). Portugal assistia pela primeira vez à atribuição de uma medalha olímpica a um atleta português, no atletismo.

Foi medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), na maratona, com recorde olímpico que só viria a ser ultrapassado em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim, e em 1984 e 1985, Carlos Lopes, hoje ex-atleta, venceu o Campeonato Mundial de Corta-Mato.

Helena Vieira da Silva (1908-1992)

Com a descoberta do teatro de Shakespeare, em Inglaterra, no final do verão de 1913, Vieira da Silva decide tornar-se pintora. Instala-se em Paris, com a expectativa de encontrar um ambiente culturalmente mais estimulante. Artistas plásticos e escritores e músicos, museus e galerias e espectáculos; encontra de tudo um pouco, e deixa-se deslumbrar. A nível artístico, foi sobretudo uma fase de descoberta e experimentação, de troca de ideias com outros artistas e intelectuais («Amis du Monde» no Café Raspail, o grupo que formaram). Expõe e convive, e decide voltar a Portugal, e partir de seguida para o Brasil, onde convive com Cecília Meireles e Murilo Mendes, e regressar a Paris em 1947, em tempos de saudade e guerra, que marcam a sua pintura. É a pouco e pouco reconhecida até deixar de ser irreconhecível, com mais exposições e retrospectivas da sua obra, nacional e internacionalmente, como é exemplo a decoração da estação de metro da Cidade Universitária, entre os demais convites e homenagens.

Carlos Paredes (1925-2004)

A tradição familiar ditava que a guitarra estivesse presente para a música popular portuguesa e para o fado de Coimbra.

Sem negar o legado, Carlos Paredes revolucionou a sonoridade da guitarra portuguesa pela renovação e reinvenção – o velho e o novo, o antigo e o moderno em perfeita convivência, sem imobilismos nem filoneísmos, nele e nos da sua geração: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira; Luiz Goes e António Bernardino na voz, Manuel Alegre na poesia, António Portugal na guitarra, Rui Pato e Luís Filipe na viola. A geração coimbrã.

Com a guitarra passou pelo teatro (colaboração com José Cardoso Pires na encenação de Fernando Gusmão para o Teatro Moderno de Lisboa, em 1964, com Carlos Avilez nas *Bodas de Sangue*, espectáculo do CITAC/Coimbra) pelo bailado e pelo cinema (banda sonora de *Mudar de Vida*, 1966, do cineasta Paulo Rocha, *Fado Corrido*, 1964, de Jorge Brum do Canto, e entre outros, do *supralembado Os Verdes Anos*, 1963, de Paulo Rocha) e sempre com o mesmo desejo, o de ser “considerado um pequeno músico”, pois se assim se conseguisse realizar, sentir-se-ia satisfeito, ele, o “amador de guitarra, “o instrumentista popular”, como a si queria e dizia.

António Silva (1886-1971)

Amador até 1910, profissional depois, com a estreia no palco do Teatro da Rua dos Condes, perto do que é hoje a Avenida da Liberdade (Lisboa), demolido em 1952. A peça – *O Novo Cristo*, de Tolstoi.

Em 1913, vai para o Brasil em digressão com a companhia teatral António de Sousa, onde permanecerá até 1921. De regresso a Portugal, trabalha em peças de teatro ligeiro e de revista na Companhia de Teatro Satanella – Amarante. Companhia teatral Lopo Lauer, António de Macedo, Comediantes de Lisboa, Vasco Morgado, do actor português com o mesmo nome - algumas das companhias onde esteve, até fazer parte do elenco de *A Canção de Lisboa*, em 1933, e com isso atrair a atenção do público, e mais tarde do elenco de *As Pupilas do Senhor Reitor* (1935), de José Leitão de Barros, *O Pátio das Cantigas* (1942) de Francisco Ribeiro, *O Costa do Castelo* (1943), de Arthur Duarte, *O Leão da Estrela* (1947), do mesmo realizador, *Amor de Perdição* (1943), de António Lopes Ribeiro, entre outros.

António Sérgio (1883-1969)

“(…) antipático papel de sempre resistir, contrariar, combater, que tem sido o meu destino.” Resistir ao regime de Salazar, combater em prol de um socialismo associativista, através do princípio cooperativo, para si a forma de organização social que melhor combinava com a sua concepção do homem como um ser activo e criador, ideia que lançou em Portugal, assim como a da necessidade de uma reforma ao nível da educação.

Contribuiu para a formação da Renascença Portuguesa (movimento cultural surgido em 1912), fundou e dirigiu a revista *Pela Grei* (1918-1919), que tanto se dava à exaltação de um pensamento colectivo capaz de se sobrepor ao Estado, como à reflexão, para que do êxtase não viesse desordem.

Via a filosofia, a que também se dedicou, como inseparável do homem e da sociedade, do homem na sociedade, chamada a orientar o seu comportamento

Amália Rodrigues (1920-1999)

De vestido e xaile negros, à frente dos guitarristas, de fado em fado, palco em palco, tournée em tournée, Paris, Londres, Madrid, Berlim, Roma, Trieste, Dublin, Berna, Nova Iorque, Cidade do México, Leningrado, Moscovo, Tiflis, Baku.

Cantara pela primeira vez em público nos festejos dos Santos Populares, em Lisboa, acompanhada da marcha popular do seu bairro.

Com a peça *Ora Vai Tu!* (1940), no Teatro Maria Vitória (espaço dedicado ao teatro de revista, em Lisboa) estreia-se como actriz, e como actriz de cinema em 1947, a Maria Lisboa do *Capas Negras*, de Armando de Miranda. Seguem-se outras participações em filmes, revistas, operetas.

Com poemas seus ou de autores com quem colaborou (David Mourão-Ferreira, Pedro Homem de Mello, Alexandre O'Neill, José Régio, Vasco de Lima Couto, etc.), dado o seu gosto pela poesia, Amália Rodrigues levou o fado além-fronteiras. «Foi por vontade de Deus / Que eu vivo nesta ansiedade, / que todos os ais são meus, /que é tudo minha a saudade (...)», nessa que foi a sua *estranha forma de vida*.

Almada Negreiros (1893-1970)

«Larga a cidade! / Larga a infâmia das ruas e dos boulevards / esse vaivém cínico de bandidos mudos, / esse mexer esponjoso de carne viva, / esse ser-lesma nojento e macabro.», de *A Cena do Ódio* (1915), para muitos paradigma da poesia modernista portuguesa.

Inventivo, provocador (sobretudo em alguns dos manifestos que escreveu) espontâneo, crítico do conservadorismo, imbuído do espírito futurista de início do séc. XX. Com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, formou, em 1915, a revista *Orpheu* – revista literária trimestral que acolhia, nas palavras de Fernando Pessoa em carta a Camilo Pessanha, tudo quanto representasse a arte avançada, e que soube «irritar e enfurecer, como a mera banalidade nunca consegue que aconteça». Mais tarde, em 1935, funda e dirige *Sudoeste*, e mantém a publicação de artigos noutros jornais e revistas: *Contemporânea*, *Athena*, *Presença*, *Diário de Lisboa*,

Além de escritor, José de Almada Negreiros foi artista plástico e dramaturgo, e não só integrou como fomentou muitas das manifestações culturais do seu tempo.

Agostinho da Silva (1906-1994)

Crendo na formação de um novo império, sem imperadores ou tendo como imperador o povo e as pessoas – “senhoras do seu próprio percurso” -, e a fé e as crenças como motivação única, Agostinho da Silva lutou pela liberdade, afirmando-a como a mais importante qualidade, em desprestígio das ambições de poder, posse e propriedade, que a seu ver escravizavam o homem.

Além de ensaísta e filósofo (filosofia como meio de levar o povo a ter “confiança em si mesmo”) foi também professor e investigador. Viveu em Portugal, Brasil (Centro de Estudos Portugueses na Universidade de Brasília, Museu do Atlântico Sul no Forte de São Marcelo, em Salvador, que ajudou a fundar em 1962 e 1964, respectivamente, a par de outras contribuições), Argentina, Uruguai, França, Japão.

Da sua obra, destaca-se o tema da cultura de língua portuguesa, em comunhão com o Brasil e os países lusófonos.

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)

“Genuinamente português por constituição e por temperamento, de olhos pretos, nariz grosso, cabelo crespo, tendendo para a obesidade, ele é um sensual, um voluptuoso, um dispersivo, um desordenado”, escrevia Ramalho Ortigão, em 1891.

A «Vendedeira de Queijos», o «Vendedor de Fósforos», «O Espirra-Canivetes», «O Vendedor de Palitos e Rocas», «Os Jogadores de Gamão», os célebres retratos do Zé Povinho – explorado e sofredor, queixoso e lamuriento, mas ainda assim conformado, sem querer perder pitada do drama político ou da vizinha – o pançudo John Bull, as caricaturas de *O Calcanhar d’Aquiles*, a folha humorística *A Berlinda*, *O Binóculo*, periódico semanal, *A Lanterna Mágica*, jornal dedicado à crítica social, com Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro. Referências dispersas, em comum a intervenção atenta e crítica à vida portuguesa da segunda metade do século XIX, dos costumes das gentes à política e às instituições. Do desenho passa à cerâmica, arte ancestral que é dinamizada com a criação da Fábrica de Faianças nas Caldas da Rainha, sob a sua direcção artística.

Vitorino Nemésio (1901-1978)

Alheio a qualquer escola ou doutrina desde os tempos em Coimbra, primeiro na Faculdade de Direito e depois na de Letras, independência que se reflectiu na sua poesia, menos confessionalista e dramática, mais propensa pelo contrário à exploração do símbolo e da imagem, da forma - assim o experimentalismo dos anos 60 com Ana Hatherly, António Aragão, E.M. de Melo e Castro, Salette Tavares, Herberto Helder - do nonsense e do insólito, da ironia, e recuperação do popular ao mesmo tempo.

De Vitorino Nemésio conhece-se o ficcionista, o poeta, o biógrafo, o historiador, o jornalista, o apresentador (*Se bem me lembro*, na RTP, conversa espontânea, sem programa ou ditames editoriais), o professor, e não obstante as críticas que esse ecletismo lhe valeram, assume a dispersão (ler *entusiasmo por várias matérias*) como método, imobilizando qualquer impulso ou assaz desejo de o rotular, limitar, diminuir.

Gago Coutinho (1869-1959)

“Assim, mais do que o primeiro navegador aéreo do seu século, ele é o sábio criador da nova visão histórica das descobertas de quinhentos. Ele estuda, investiga, rectifica, eliminando pouco a pouco, do passado, esse termo belo, mas descuidado, que se chama – ‘aventura’”, escreviam no *Diário de Lisboa*, em 1930.

Foi geógrafo, historiador, matemático, astrónomo, marinheiro, navegador.

É porém lembrado sobretudo por ter concluído, ao lado de Sacadura Cabral (que conheceu em 1907, numa missão em Moçambique) a primeira travessia aérea do Atlântico-Sul, entre Lisboa e Rio de Janeiro, em 1922, no contexto das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, oportunidade para fazer importantes descobertas científicas: o instrumento a que deu o nome de “astrolábio de precisão”, com capacidade de observação nocturna, que aperfeiçoou mais tarde, e o “plaqué de abatimento”.

Sacadura Cabral (1881-1924)

Foi ele quem teve a iniciativa de preparar a primeira travessia aérea do Atlântico-Sul, entre Lisboa e Rio de Janeiro, em 1922. Expôs o projecto a Gago Coutinho, que de imediato se dedicou a desenvolvê-lo e a aperfeiçoar o instrumento – “plaqué de abatimento” – que lhes permitia fazer medições exactas. Além disso, Sacadura Cabral trabalhou como topógrafo em 1906 e 1907, foi responsável pelo levantamento hidrográfico da baía de Lourenço Marques (depois Maputo), encomendado pelo Governo, pela carta hidrográfica do rio Espírito Santo, em Espírito Santo, pelas observações astronómicas no observatório de Angola, pelo reconhecimento da fronteira de Luanda. Foi ainda director dos Serviços da Aeronáutica Naval, em 1918, e, de seguida, comandante da Esquadilha Aérea da Base Naval de Lisboa.

Aquilino Ribeiro (1885-1963)

«Obreiro das letras» assim se designava. Para os outros «o mestre da língua», por tê-la recriado, renovado, numa combinação entre o rústico e o erudito, entre o *grosseiro* e o requintado.

Do campesino beirão ao pequeno-burguês da província e deste ao cosmopolita, da mulher tentadora, a Vénus Negra de Charles Baudelaire (poeta francês), à virgem devota.

Politicamente empenhado, com a publicação de artigos de opinião, ficção e propaganda republicana de crítica ao regime monárquico, entre outras actividades.

Mais tarde, em Paris, convive com intelectuais portugueses, como ele forçados a viver fora do país, e envolve-se em projectos editoriais, escreve crónicas e contos. De regresso a Portugal, continua a escrever (ficção, tradução, ensaios, crónicas), é professor, bibliófilo e bibliotecário, e mantém a actividade cívica, com a participação em manifestações e acções anti-regime. Entre Paris e Lisboa, de manifestação em manifestação, com outra ida à prisão pelo meio, até instalar-se definitivamente em Portugal.

Sophia de Mello Breyner (1919-2004)

«(...) Porque os outros têm medo mas tu não. // Porque os outros são os túmulos caiados / Onde germina calada a podridão. / Porque os outros se calam mas tu não. Da infância no Porto - o Campo Alegre, o jardim, a praia da Granja, o Natal. Da faculdade - a civilização grega e as figuras históricas e mitológicas da civilização, e as noções de harmonia, inteireza e justiça, depois na sua obra referidas, aludidas ou sugeridas.

A noite, que tem tanto de fantasmático como de belo, “brilhante”, tanto de fuga como de *invasão*, no sentido de reencontro, de silêncio, do silêncio que dizia necessário à poesia. O mar, lugar privilegiado: «De todos os cantos do mundo / Amo com um amor mais forte e mais profundo / Aquela praia extasiada e nua, / Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.» A noite, o mar e tantas outras imagens que atravessam a sua obra. As questões políticas e sociais do seu tempo a que esteve atenta, e influenciaram tanto a poesia como os contos.

Além dos contos e da poesia, a ficção, o ensaio, a tradução.

Mário Soares (n. 1924)

Politicamente activo durante o regime de ditadura, em acções de oposição democrática, o que lhe valeu algumas detenções pela PIDE, a deportação sem julgamento para a ilha de São Tomé (África), em 1968, e o exílio em França, em 1970.

Foi eleito Secretário-Geral da Acção Socialista Portuguesa, que fundara em 1964 (Partido Socialista a partir de 1973) e reeleito no cargo ao longo de quase 13 anos.

Depois do 25 de Abril, participou no I, II e III Governos Provisórios, e foi primeiro-ministro do I, II e IX Governos Constitucionais. No último foi concluído o processo, iniciado em 1977, de adesão de Portugal à então CEE, com a assinatura do Tratado.

Em 1986 foi eleito Presidente da República e reeleito em 1991. Em 1996 assume a presidência da Fundação com o seu nome, cujos objectivos passam pela divulgação cultural, promoção e realização de projectos de investigação, e a cooperação entre Portugal e os países lusófonos

Vasco Santana (1898-1958)

Entrou no teatro de forma accidental, em substituição de um colega, e tornou-se a pouco e pouco uma figura popular pela sua espontaneidade, humor e irreverência.

Além de actor de teatro e revista, Vasco Santana deu um novo impulso à ópera ligeira, então em decadência, com a peça *Invasão* (1945). Antes de *A Canção de Lisboa*, em 1933 (o Vasco Leitão que troca os estudos pelo fado e pelos namorichos), considerado o seu “êxito cinematográfico”, esteve em *A Menina Endiabrada* (1929), de António Lopes Ribeiro e Eric Shonfelder, e em *Crónica Anekdotica* (1930), de Leitão de Barros. Depois, o Mestre José Santana de *O Pai Tirano* (1941), o alcoólico Narciso de *O Pátio das Cantigas* (1942), o taberneiro Malcozinhado de *Camões* (1946). *Não Há Rapazes Maus* (1948), *Ribatejo* (1949), *Sonhar é Fácil* (1951), *Eram Duzentos Irmãos* (1952), *O Comissário de Polícia* (1953) - alguns filmes em que participou.

Na rádio, destacou-se com os programas humorísticos *As Lições de Tonecas* (1948) e *O Zequinha e a Lelé* (1952).

Francisco Sá Carneiro (1934-1980)

Terminou o curso de Direito, tradição familiar, e foi depois director da *Revista dos Tribunais*, membro dos órgãos directivos da Ordem dos Advogados com artigos jurídicos publicados, até finalmente integrar uma empresa de advocacia no Porto.

A par da actividade profissional, a religião, os retiros na companhia de outros católicos, onde se discutia o casamento, a educação, o regime salazarista e outros assuntos que trazem o interesse pela política, e acabariam por levá-lo à Assembleia, onde apresenta projectos de lei tendo em vista a liberdade e a garantia de direitos considerados fundamentais, ao jornal

Expresso, depois de recusada a sua proposta de revisão constitucional, e de novo à Assembleia e à liderança do PPD – Partido Popular Democrático (mais tarde PSD). Com Diogo Freitas do Amaral e Gonçalo Ribeiro-Telles forma a Aliança Democrática, em 1979. A coligação vence as eleições legislativas e Sá Carneiro é eleito primeiro-ministro de Portugal, em 1980. No mesmo ano morre inesperadamente, com a queda do avião que o levaria de Lisboa ao Porto.

Fernando Pessoa (1888-1935)

“A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo — os eu a sós comigo.», escrevia a Adolfo Casais Monteiro, em carta de 1935. Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares e outros, e além deles, a obra dramática, as ficções, os poemas, as odes, os textos filosóficos, o ensaio e a crítica e a tradução, a correspondência, os escritos ditos íntimos e os ocultistas, meras classificações entre as demais, que permitem no entanto compreender a amplitude da obra de Fernando Pessoa.

António Lobo Antunes (n. 1942)

A infância passada em Benfica (Lisboa), “microcosmos das várias classes sociais, tudo aquilo misturado, larguinhos, pracinhas”, num ambiente severo mas estimulante, a Guerra Colonial em Angola, onde esteve como cirurgião - memórias que escreve -, “a solidão, a morte, o amor, a ternura”, nas palavras de Lobo Antunes. Ficção e realidade entrelaçadas.

A partir de 1985 dedica-se em exclusivo à escrita, para trás fica a psiquiatria, os tempos em que dividia o seu tempo entre as letras e as ciências. As crónicas no *Público*, de 1993 e 1998, a coluna quinzenal na revista *Visão* e depois no diário *El País*, mais tarde reunidas em livro, os romances, os prémios, a fama – “soma de equívocos”. “Quem é o António Lobo

Antunes? Uma soma de equívocos. E depois deixa de ser um nome, uma pessoa, para ser uma marca registada”. Apenas isso, uma soma de equívocos, e é o próprio quem o diz.

Natália Correia (1923-1993)

As intervenções políticas, tanto na Assembleia, onde esteve como deputada (1980-1991), como em casa, um autêntico salão literário onde se reunia com amigos artistas, no antigo bar Botequim, que abriu em 1971 com Isabel Meireles, Helena Roseta e Júlia Marenha, junto ao jardim das Amoreiras, em Lisboa; encontros, tertúlias, convívio com os muitos intelectuais portugueses dos anos 70 e 80: Vitorino Nemésio, David Mourão-Ferreira, José-Augusto França, Almada Negreiros, Fernanda Botelho, Mário de Vasconcelos Cesariny, entre outros.

Além da política, a poesia, que alguns diziam surrealista, outros barroca e outros ainda romântica, e todos concordavam na hora de afirmar a originalidade e criatividade de Natália Correia, capaz de recuperar mitos e símbolos nacionais e conseguir dar-lhes uma nova dimensão.

Fernando Lopes Graça (1906-1994)

Escreve as primeiras crónicas musicais e logo sobressai “um raro talento literário”, dizem. Vai de Lisboa para Coimbra, onde ensina na Academia de Música e compõe as primeiras canções a partir de textos poéticos (Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa, José Régio), de Coimbra para Paris, onde estuda composição e musicologia, compõe obras para piano, a música para bailado, e escreve as primeiras harmonizações para voz e piano de canções tradicionais portuguesas, e de Paris para Lisboa, onde organiza concertos e é maestro coral, publica livros (difusão de assuntos relacionados com a música), e regressa às crónicas e ao ensino. Mais tarde, sem abandonar a canção tradicional, procura uma maior exigência a nível formal através da exploração do ritmo e harmonia, de um modo como ainda não havia feito.

Mais do que “um compositor político” ou um “político compositor”, designações que recusava, Fernando Lopes Graça assumiu um compromisso consigo e com a cultura, para si necessária à construção da sociedade civil.

José Cardoso Pires (1925-1998)

Esteve próximo do neorrealismo até ao 25 de Abril, sobretudo pela necessidade de resistir ao regime de ditadura, ao crescente autoritarismo do governo em Portugal. Antes (década de 40) havia estado próximo dos surrealistas. Formas diferentes de encarar a literatura, de fazer literatura, de que capta a essência, para assim assumir o seu compromisso, demarcado formal e ideologicamente, e fazer-se personagem da farsa ou tragédia que Portugal e Lisboa viviam na altura, como diria Júlio Pomar; o compromisso com a realidade contemporânea (que, de resto, atravessa a sua obra) não sem a sujeitar à realidade onde vai colher impressões, a uma interpretação e juízo individuais, para o que muito terá contribuído a influência da literatura europeia do seu tempo. Assim com *O Anjo Acorado* (1958), *Cartilha de Marialva* (1960), *Jogos de Azar* (1963), *O Hóspede de Job* (1963), *O Delfim* (1968).

Além de romances escreveu contos, peças de teatro e crónicas, estas reunidas em *A Cavalo no Diabo*, publicado em 1994.

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)

Em Paris, para onde vai em 1906, acompanha a ilustração que circula na imprensa francesa, e começa a dedicar-se ao desenho e à pintura. Ali, e sobretudo nos primeiros anos, convive com portugueses emigrados, também eles artistas, no seu estúdio que por esta altura já se teria tornado espaço de tertúlias e boémia: Eduardo Viana, Manuel Bentes, Emmérico Nunes, Domingos Rebelo, etc. Acaba por afastar-se do grupo, pois que urgia uma ruptura, o confronto com o modernismo que se difundia em Paris. Expõe em salões, convive com Umberto Boccioni, Gino Severini, Max Jacob, Diego Rivera, Sonia e Robert Delaunay, e outros, interessa-se cada vez mais pelo desenho (desta altura a ilustração de *La légende de Saint-Julien l'hospitalier*, de Flaubert). De Paris para Berlim, Londres, Nova Iorque, Chicago, Boston, onde continua a participar em exposições, e daí para Portugal, onde se instala, e através de Almada Negreiros, seu amigo, aproxima-se dos modernistas portugueses, os da geração de Orpheu.

Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)

Assim que regressa a Portugal, depois de ter estudado em Paris, expõe os seus quadros e integra o Grupo de Leão, tertúlia de artistas portugueses que se reunia na Cervejaria Leão de Ouro, em Lisboa, entre 1881 e 1889. Dele faziam parte o seu irmão, Rafael Bordalo Pinheiro, José Malhoa e outros, empenhados numa reforma estética pela via do Naturalismo.

São célebres os seus retratos - Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Antero de Quental – e a sua pintura de decoração – sala de recepção do Palácio de Belém, os aposentos da rainha D. Amélia no Palácio das Necessidades, os painéis da Sala dos Passos Perdidos da Assembleia da República, as figuras da cúpula da escadaria da Câmara Municipal de Lisboa e do tecto do Teatro Nacional. Foi nomeado professor na Academia de Belas-Artes (depois Academia Nacional de Belas-Artes) em 1901, e director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, cargo que ocupou de 1914 a 1927.

Luís de Freitas Branco (1890-1955)

Música e poesia em simbiose, inovação que trouxe à música portuguesa da altura. Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, poetas franceses do séc. XIX, o seu poema sinfónico «Vathek» (1914), baseado na novela homónima de William Beckford, romancista inglês; os temas do modernismo assim como era abordados na poesia e artes plásticas de vanguarda, no início do séc. XX.

A partir dos anos 20, o fascínio por Beethoven, o interesse pela música religiosa e canto gregoriano, a redescoberta dos polifonistas portugueses, a poesia de Camões, a inspiração em Antero de Quental, o folclore, as canções populares, as de conteúdo subversivo, uma multiplicidade de referências e direcções exploradas que afasta rótulos e classificações.

Além da composição, os ensaios, as crónicas musicais e a actividade pedagógica, com a reforma do Conservatório Nacional, ao lado de Viana da Mota, e o empenho na preparação de uma nova geração de compositores.

Viana da Mota (1868-1948)

A interpretação dos clássicos (Liszt, Bach, Beethoven, Schubert), dos modernos (Debussy, Falla), o mito sebastianista, recuperado e recriado, a canção tradicional portuguesa

(*Rapsódias Portuguesas*, 1891-1893, os três cadernos de *Cenas Portuguesas*, 1893, 1905 e 1908, e outras peças para piano), a canção popular, as peças de carácter nacionalista, inovadoras no âmbito da composição e de certa forma manifestação do desagrado face às novas tendências modernistas, a figura do músico-intelectual, que reflecte e aperfeiçoa constantemente no seu trabalho, ideia até ali estranha para os portugueses.

Além disso, foi crítico musical, professor, director do Conservatório Nacional onde, juntamente com Luís de Freitas Branco, coordenou uma reforma ao nível do ensino (introdução de novas cadeiras de música e cultural geral), e escreveu outros tantos artigos dispersos em publicações portuguesas e alemãs.

Leopoldo de Almeida (1898-1975)

Na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (então ESBAL - Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa), onde mais tarde viria a ser professor de desenho e escultura, aprende com Luciano Freire (1864-1935), pintor português, e Simões de Almeida, (1880-1950) escultor português, termina os estudos em França e em Itália, e integra a geração de artistas que viria a marcar modernismo português; António da Costa, escultor (1899-1970), entre eles.

A sua obra, sobretudo de encomenda pública, na época do Estado Novo, é constituída por retratos, bustos, baixos-relevos, estátuas (de Nuno Álvares Pereira, no Mosteiro da Batalha, D. João I, na Praça da Figueira, em Lisboa, Ramalho Ortigão, no Jardim da Cordoaria, no Porto, e outras), monumentos de figuras da história e cultura nacionais. Em 1940 foi-lhe atribuído o Prémio Soares dos Reis.

João Villaret (1913-1961)

O pedinte mudo em *O Pai Tirano* (1941), o criado em *Frei Luís de Sousa* (1950), ambos de António Lopes Ribeiro, Martin, o Bobo, em *Inês de Castro* (1945), de José Leitão de Barros. Personagens por que ficou conhecido. Fez parte ainda do elenco de *Primo Basílio* (1959), *Camões* (1946), e outros. No teatro, depois de frequentar o Conservatório Nacional de Teatro, integrou a companhia de teatro Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, em Lisboa, e depois a companhia teatral Os Comediantes de Lisboa, fundada em 1944 por António Lopes Ribeiro e seu irmão, Francisco Lopes Ribeiro, actor e realizador português, e fez parte do elenco de *Esta Noite Choveu Prata* (1954), de Pedro Bloch, no extinto Teatro Avenida, em Lisboa.

Além do teatro e do cinema, a poesia, com a declamação de poemas, na RTP, de Fernando Pessoa, António Botto, José Régio.

João Abel Manta (n. 1928)

A pintura, os artistas da época e as tertúlias, a esquerda política e a ditadura, nos primeiros anos em casa dos pais. As viagens pela Europa.

Começa cedo a publicar desenhos em órgãos de imprensa: *O Século Ilustrado*, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, *Seara Nova*, *Eva*, *Diário de Lisboa*. É responsável, em colaboração, por um projecto de arquitectura, sua área de formação.

Depois, o cartoon (de intervenção político-social - as célebres *Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar*, em 1978) os selos, os postais (ilustração evocativa de *A Relíquia*, de Eça de Queirós, em festejos de centenário), a ilustração de livros (*O Dinossauro Excelentíssimo* e *A Cartilha do Marialva*, de José Cardoso Pires, em 1972 e 1973 respectivamente, e outros) o design de livros e cartazes, a cerâmica, a tapeçaria, o mosaico. Finalmente, a pintura, a que se dedica em exclusivo desde 1981.

Álvaro Cunhal (1913-2005)

É lembrado sobretudo pela forte ligação ao Partido Comunista Português: foi secretário-geral da Juventude Comunista, em 1935, e secretário-geral do partido (de 1961 a 1992).

Conhecia-se-lhe a militância activa e resistência ao regime de Salazar, que por diversas vezes lhe valeram a prisão temporária.

Colaborou em jornais como *O Diabo*, *Seara Nova* e *Vértice*, e nas publicações clandestinas *Avante* e *Militante*. Não só escreveu livros relacionados com a sua ideologia e actividade política (*Rumo à Vitória*, em 1964, *O Radicalismo Pequeno-Burguês de Fachada Socialista*, em 1970, *Contribuição para o Estudo da Questão Agrária*, em 1976, e outros), como romances, sob o pseudónimo de Manuel Tiago (*Até Amanhã*, *Camarada*, 1974, *Cinco Dias*, *Cinco Noites*, 1975, e outros). São ainda conhecidos os seus *Desenhos de Prisão*, de 1975, evocativos dos tempos em que esteve preso, entre outros trabalhos artísticos.

Pardal Monteiro (1897-1957)

Numa época de afirmação política como a do Estado Novo, em que interessava sobretudo fazer a diferença, Pardal Monteiro foi o arquitecto escolhido por Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e das Comunicações no governo de Salazar, para projectos como o do Instituto Superior Técnico, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima (ainda que sem o apoio de uma parte da comunidade, convencida de que um projecto sofisticado não era o mais adequado para uma igreja), a Faculdade de Letras de Lisboa, a Biblioteca Nacional (o seu último grande projecto, iniciado em 1954, e terminado pelo sobrinho António Pardal Monteiro), a gare marítima de Alcântara e a da Rocha do Conde de Óbidos, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o hotel Tivoli e o Ritz, obras que se queriam inovadoras, eficazes, diferentes, ao estilo modernista europeu, que Pardal Monteiro conhecia bem.

Mário Cesariny (1923-2006)

“É a luta desesperada pelo amor, pela liberdade e pela poesia: é isto. Parece que é uma trindade que vem substituir a liberdade, igualdade, fraternidade: liberdade, amor, poesia – é viver isso, é um bocado complicado, não é?”, dizia sobre o surrealismo, de que foi o principal representante em Portugal. Em 1947, com José-Augusto França, António Domingues, Alexandre O’Neill, Fernando Azevedo e outros cria o Grupo Surrealista de Lisboa, de que se afasta mais tarde. Escreveu manifestos, organizou sessões e antologias e exposições relacionadas com as actividades surrealistas no país, escreveu ensaios, pintou, traduziu, escreveu – ficção e poesia, que depois deixou, “um fogo muito grande que ardeu (...) de que ficaram as cinzas”, dizia em *Autografia* (2004), documentário de Miguel Gonçalves Mendes sobre a vida e obra de Cesariny, para se dedicar por completo às artes plásticas: colagens com pinturas, objectos, instalações, etc.